

SIGNIFICAÇÕES A PARTIR DA LÍNGUA MATERNA

Luan Alex de Mattos

Universidade Federal da Fronteira Sul
luan.mattos@estudante.uffs.edu.br

Eixo 08. Linguística, Letras e Artes

RESUMO

A pesquisa apresentada tem como objetivo geral investigar os modos pelos quais a língua materna produz o Sujeito. Os objetivos específicos são: estabelecer um panorama acerca de significações possíveis para a *expressão língua materna*; compreender para que aponta a designação língua materna, se não para uma língua no sentido clássico; discutir o conceito de *lalíngua* e sua relação com língua materna; compreender, a partir da Psicanálise, os modos pelos quais a *língua materna* produz o sujeito. O interesse e a hipótese de pesquisa fazem com que seja necessário que essa pesquisa seja estruturada em duas partes principais: na primeira parte procedo investigando as noções de língua e língua materna em distintos campos do conhecimento dos quais me sirvo para a construção da pesquisa. Como tenho compreendido, existe uma dimensão que transcende o código linguístico propriamente e se liga a elementos outros relativos à língua e a possibilidade do dizer. Na segunda parte do texto tomando como base obras autobiográficas busco compreender como, no entrelace com *lalíngua*, a língua materna produz o Sujeito.

Palavras-chave: Língua materna. Lalíngua. Sujeito.

INTRODUÇÃO

Pode-se teorizar sobre língua materna a partir de uma pluralidade de lugares teóricos. Para além do fato de que isso abre a possibilidade de que a partir de distintas teorias se escreva sobre ela (sociolinguística, gramática, análise(s) de discurso(s), psicanálise...), essa pluralidade permite reconhecer diversos sentidos possíveis para essa noção.

Mais ou menos estáveis, as distintas possibilidades de sentido sobre língua materna se convergem em dois pontos fundamentais: se assentam sobre a ideia de língua; reconhece-se essa *língua dita materna* (DERRIDA, 1996) como *algo* de extrema importância no processo de constituição do sujeito/inserção da criança na linguagem.

Compreendo com Milner (2016) que pela aproximação com *lalíngua*, existe sobre a língua materna uma carga libidinal que faz com que ela seja uma língua única, não sendo possível contabilizá-la junto de línguas outras de modo algum. Para o autor, ainda que a gramática tente dar conta de representar *lalíngua*, algo fica de fora, aquilo que é da ordem do

Real. Assim, em nossa compreensão, *lalíngua* e língua materna transcendem o código linguístico. Para Melman (1992), língua materna é aquela na qual a mãe foi interditada. Talvez seja por essa aproximação com a mãe, enquanto função materna que ela seja tão potente.

Considerando a abertura de sentidos possíveis acerca dessa noção, essa pesquisa tem como tema os modos como a língua materna afeta e produz o sujeito de linguagem, tema proposto a partir de um problema que nos inquieta: De que forma isso que tem sido chamado de língua materna pela psicanálise e pela AD afeta e produz o sujeito cindido pelo simbólico?

Para responder a essa pergunta de pesquisa e tentar dar uma solução para nosso problema, proponho o desenvolvimento de uma pesquisa teórica/bibliográfica dividida em duas partes principais e traço alguns objetivos que serão expostos a seguir. O objetivo geral é analisar – em textos autobiográficos – *Isso* que é denominado “língua materna” entendendo-a como uma metáfora, e seus efeitos sobre o Sujeito (§). Como objetivos específicos busco: estabelecer um panorama acerca de significações possíveis para a *expressão língua materna* em textos da linguística (com foco na AD) e da psicanálise; compreender para o que aponta a designação língua materna, se não para uma língua no sentido que trabalha e postula Saussure, funcionando portanto como uma metáfora; discutir o conceito lacaniano de *lalíngua* e sua relação com a língua materna; compreender, a partir da psicanálise, a forma e os modos pelos quais a *língua dita materna* produz o sujeito.

Para dar conta dos objetivos da pesquisa proponho que ela seja dividida em dois movimentos. Em um primeiro momento, procedo realizando uma investigação sobre os sentidos que se produzem sobre língua materna em distintos campos do conhecimento, e em um segundo momento investigo, a partir de dois textos autobiográficos, os modos pelos quais isso que tem sido chamado de língua materna produz o sujeito. Os detalhes desses movimentos de análise serão explicitados a seguir.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa é desenvolvida a partir de uma interlocução entre a Psicanálise, a Teoria da Desconstrução e a Análise de Discurso Pecheuxtiana e se divide em dois eixos principais: na primeira parte procedo investigando as noções de língua e língua materna em distintos campos do conhecimento dos quais me sirvo para a construção da pesquisa e de meu percurso como pesquisador, como a linguística estruturalista, a AD Pecheuxtiana e a Psicanálise.

Esse movimento, desenvolvido a partir da teoria da Desconstrução em Derrida, busca desassossegar concepções de língua materna que, assentando-se sobre efeitos de evidência,

são lidas hoje como aproblemáticas, tais como uma equivalência entre língua nacional/língua oficial e língua materna.

Como tenho compreendido, existe uma dimensão que transcende o código linguístico propriamente e se aconchega em elementos outros relativos à língua e a possibilidade do dizer sendo impossível computá-la ou comparar a língua materna a línguas outras (MILNER, 2016). Na segunda parte do texto, trabalhando a partir da Psicanálise em interlocução com a AD Pecheuxtiana e tomando como base as obras *Le Schizo et les Langues*, de Louis Wolfson – e a angustiante relação com a mãe e com a língua que é dela, a impossibilidade de ouvir seus sons – e *A Língua Absolvida*, de Elias Canetti – e o amor da mãe e da língua, e da língua como laço – (ambos os textos autobiográficos), busco compreender como, no entrelace com *lalíngua*, a língua materna afeta e produz o sujeito de linguagem.

DISCUSSÕES PRELIMINARES

Por afetar o sujeito de um modo extremamente singular, produzindo efeitos como nenhuma língua outra o faz (MILNER, 2016; REVUZ, 2001), constituindo-o enquanto sujeito falante e, portanto, do simbólico (LACAN, 1953-1954 [1986]; LACAN, 1957-1958 [1999]; FINK, 1998; SOUZA JR., LEITE, 2021) não nos parece adequado entender a língua materna apenas a partir da convencional perspectiva de ser a primeira língua falada pela criança. Entendo que a língua materna não se alinhe a *uma* língua – enquanto conjunto de signos – especificamente. Parece-me que dentro do campo da Análise de Discurso e da Psicanálise a expressão “língua materna” funcione como uma metáfora e diga da relação do sujeito com o Outro (LACAN, 1968-1969 [2008]) e da forma de fazer laço com o outro. Entendo que ao aforismo derridiano “*língua dita materna*” (DERRIDA, 1996, p. 31) deva ser proposta uma inversão: “*dita língua materna*”, já que é assim chamada, dita, mas não me parece, *em um primeiro momento*, que – na perspectiva como tenho compreendido, alinhado aos saberes da AD Pecheuxtiana e da Psicanálise – seja uma língua, mas sim diga de outra coisa.

A carga libidinal extremamente potente que faz com que as asserções anteriores sejam legítimas, não se liga apenas a uma língua enquanto código mas sim vai para além dele. Nesse sentido é apontado por Leite e Souza Jr. que:

[...] para além do idioma em si (código e instrumento comunicativo), na língua que se diz materna adquirem incomparável valor o regionalismo, o vocabulário afetivo-familiar, o jeito particular de dizer e a musical-gestualidade: elementos que, não estando exatamente na chave estrita da comunicação, podem justamente abrir para algo mais. Esse “algo mais” relaciona-se com aquilo que Lacan, amparado na ideia de lalação [...] chamou de *lalíngua* (LEITE, SOUZA JR., 2021, p. 42).

Nessa perspectiva, a dita língua materna desliza e pode se associar a possibilidades outras de uso da língua. É por reconhecer a possibilidade de *diferença* que se dá com relação às línguas nacionais e línguas oficiais que torna-se possível atrelar a ela a carga libidinal/afetiva que vai fazer com que “língua materna” vá além de uma língua enquanto código. Acredito, considerando o exposto, que a noção de língua materna, nos campos teóricos citados e com os quais tenho trabalhado, diga de uma forma de discursividade, de uma forma de laço e de enlace.

Entendo que a primeira língua na qual a criança é inserida por quem para ela desempenha a função materna – e se faz, para ela, Outro – tenha uma importância extremamente significativa, e que a *língua dita materna* se ampare nessa primeira língua para se estruturar e desenvolver a potência que terá mais tarde. Acredito, por outro lado, que elas não coincidem.

Se por um lado compreendemos que isso que tem sido chamado de *língua materna* não é compreendida, em alguns campos do conhecimento, como uma língua tal como teorizada e compreendida por Saussure, por outro lado não podemos negar que os efeitos que promove são presentificados a partir daquela língua primeira na qual a criança é inserida. Assim, compreendo que essa primeira língua funcione como um suporte para a dita língua materna.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- DERRIDA, Jacques. *Le monolinguisme de l'autre*. Paris, França. Galilée, 1996.
- FINK, Bruce. **O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. (1953-1954). **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- LACAN, Jacques. (1957-1958). **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. (1968-1969) **O Seminário, livro 16:** de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LEITE, Nina Virginia de Araújo; SOUZA JR. Paulo Sérgio de Souza. Corpo e língua materna. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. (Orgs.) **Corpo**. Belo Horizonte, MG. Editora Autêntica. 2021. p. 39 – p. 38.

MELMAN, Charles. **Imigrantes:** incidências subjetivas das mudanças de língua e país. São Paulo: Escuta, 1992.

MILNER, Jean Claude. **O amor da língua**. Trad. P. S. de Souza. Jr. Campinas, SP: Editora Unicamp. 2016.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.) **Linguagem e identidade:** Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP. Fapesp, p. 213-230, 2001.